
EDITORIAL

Este número da revista *Habitus* é dedicado ao tema Arqueologia das Práticas Rituais e traz uma seleção dos trabalhos que foram apresentados em simpósio de mesmo nome, organizado por Cristiana Barreto e Daniela Klökler no XVIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira realizado em Goiânia em 2015.

O ritual é um tema estudado pela Arqueologia desde seus primórdios, muitas vezes associado à Antropologia ou à História da Religião, se tornando não só um dos temas mais clássicos da área, mas talvez o que lide com o lado mais intrinsecamente humano de nosso comportamento. As práticas rituais estão na base de discussões que vão desde as primeiras formas de humanidade expressas na arte rupestre e no tratamento aos mortos até as reconstruções de dinâmicas e complexas relações de poder, de identidade, de classe, de gênero e da relação indivíduo-sociedade. Nos últimos anos a pesquisa arqueológica voltada para as práticas rituais aumentou em volume e diversificou-se de forma exponencial, libertando-se dos enfoques funcionalistas que tentavam explicar a lógica dos rituais e dialogando de forma íntima com outras vertentes da disciplina, como as abordagens da Arqueologia dos Sentidos, da Arqueologia Cognitiva, da Arqueologia do Corpo e outras que lidam com diferentes formas rituais de produzir e reproduzir memórias, conhecimentos e crenças (SWENSON, 2015).

Nas sociedades ameríndias, e de tradição oral em geral, a maneira mais comum de reatualizar a identidade cultural e as bases cosmológicas compartilhadas pelos grupos é através de práticas rituais. Rituais podem tomar forma em diferentes tipos, tempos e sequências de atividades: coletivas ou individuais, em cerimônias variadas, festins, reclusões, tabus alimentares, etc., envolvendo uma miríade de estímulos sensoriais materiais e imateriais. Quase sempre estes envolvem objetos, comidas, imagens e usos estruturados dos espaços, sendo que todos estes elementos são passíveis de serem reconhecidos no registro arqueológico.

No entanto, tradicionalmente na arqueologia brasileira, quando nos deparamos com elementos classificados em categorias como “cerimonial” ou “ritual”, vemos que estas são escolhidas simplesmente por oferecem uma alternativa (talvez a única) para se explicar registros de um tipo de comportamento ainda desconhecido, imprevisível, ou dificilmente justificável do ponto de vista funcional. Neste sentido, o ritual justamente remete ao irracional, àquele comportamento incompreensível dentro de nossa lógica ocidental e, por isso mesmo, oferece uma janela excepcional não só para entendermos as especificidades dos grupos humanos que estudamos, mas sobretudo para nos aproximarmos dos significados simbólicos que suas atividades podem ter tido no passado.

No Brasil, vimos alguns avanços importantes sobre o tema, sobretudo nos estudos das práticas funerárias e particularmente em sítios sambaquis, onde a preservação excepcional do registro arqueológico, aliada aos avanços da bioarqueologia, tem gerado reconstruções muito mais precisas tanto das atividades cotidianas como das práticas rituais destas sociedades. Os artigos de Daniela Klökler e Madu Gaspar que apresentamos neste volume certamente ilustram estes avanços.

Na arqueologia da Amazônia também temos visto um esforço considerável em se entender tanto as grandes modificações da paisagem e estruturas construídas enquanto prática ritual (como os geoglifos do Acre e os megalitos do Amapá, por exemplo), como também a produção e circulação de imagens rituais em suportes rupestres e, sobretudo, cerâmicos. Os artigos de João Saldanha e Mariana Cabral, Edithe Pereira e colaboradores, e de Cristiana Barreto e Erêndira Oliveira aqui reunidos dão uma amostra dos frutos deste esforço.

O simpósio teve por objetivo fazer dialogar grupos de arqueólogos em torno das diferentes maneiras com que as práticas rituais vêm sendo estudadas na arqueologia brasileira, discutindo-se temas variados que incluíram, além de práticas funerárias, a produção e o uso ritual de bebidas fermentadas, os significados e usos rituais do fogo, a composição de imagens rituais, a estimulação sensorial para a criação de memórias e outras, todas permeadas por questões de transformação social, identidade, gênero, poder e relações com o sobrenatural.

Neste dossiê temático apresentamos nove artigos sobre o tema, infelizmente não pudemos incluir todas as contribuições do simpósio por motivo de limitação no espaço editorial. Abrimos o dossiê com um tema ao mesmo tempo clássico e desafiador na Arqueologia das Práticas Rituais que é a Arte Rupestre. No artigo intitulado “Possíveis práticas rituais nas cavernas com arte rupestre de Rurópolis (Pará)”, Edithe Pereira e colaboradores se deparam com complexos registros rupestres feitos no interior de uma caverna, em área de penumbra, onde não há outros vestígios de ocupação. Isto levou os autores a uma série de questões sobre o uso deste espaço enquanto um lugar sagrado e as pinturas e gravuras como registro de práticas rituais.

Nos artigos seguintes, adentramos o universo das práticas rituais nos sambaquis. O artigo de Daniela Klökler, “Animal para toda obra: fauna ritual em sambaquis”, introduz as reviravoltas teóricas pelas quais os estudos destes sítios têm passado e estuda o papel dos peixes nos festins funerários em sambaquis de Santa Catarina e do Rio de Janeiro. Os dados apontam que não é mais possível ignorar os significados simbólicos destes animais para os sambaquieiros e que devemos explorar a relação entre humanos e animais para além das relações de consumo e subsistência. Já o artigo de Madu Gas-

par “Tudo junto e misturado, separado pela crença e compactado pelo tempo” discute como, em sambaquis, evidências de atividades rotineiras e rituais integram-se à vida em sociedade. Propõe que esses domínios estejam imbricados e associados às práticas dos grupos sociais em geral, com implicações evidentes para as formas de pesquisa e interpretação do registro arqueológico compactado pelo tempo.

Mudando o foco regional para a Amazônia, o artigo de Cristiana Barreto e Erêndira Oliveira intitulado “Para além de potes e panelas: cerâmica e ritual na Amazônia antiga” também reconhece este imbricamento entre cotidiano e ritual e propõe olhar as cerâmicas arqueológicas não só em seus aspectos tecnológicos e utilitários, mas também simbólicos e rituais. Com base na Antropologia da Arte e na Etnologia Ameríndia Amazônica exploram as diferentes formas com que as cerâmicas arqueológicas e as imagens nelas impressas eram concebidas, subjetificadas, como também desativadas de agentividade quando descartadas. Em uma escala mais local, mas focando nos sítios e nas paisagens construídas, João Saldanha e Mariana Cabral tratam das “Estruturas rituais pré-coloniais na costa do Amapá”, revisitando os sítios com megalitos, em cavernas, os poços funerários e fossas. Mostram claramente como estas estruturas rituais partem do desejo de intervir na paisagem, ativando locais através de deposições específicas e comunicando significados através de sua forma, conteúdos e qualidades simbólicas. O universo funerário da Amazônia ameríndia é também tratado no artigo de Anne Rapp Py-Daniel intitulado “Práticas funerárias na Amazônia: os gestos por trás dos rituais”. De forma abrangente e pioneira, a autora levanta os principais padrões gestuais em relação aos mortos de acordo com as matrizes linguísticas, correlacionando-os com as tradições arqueológicas.

Dois estudos sobre o uso ritual do fogo se juntam ao dossiê. Priscilla Ulguim, em “O fogo e a morte: a cremação como prática funerária ritual” usa os contextos funerários de sítios em montículos e complexos anelares dos grupos Jê do Sul, para discutir o papel da cremação enquanto prática ritualizada direcionada à transformação do morto e seu corpo. O trabalho de Caroline Caromano e colaboradores, “A roça Asurini e o fogo bonito de Aí”, trata da prática da queima de roças em contexto etnográfico e das dimensões simbólicas que o fogo pode tomar, com visíveis implicações para o estudo dos sistemas de cultivo na arqueologia amazônica.

Fechando o dossiê está o artigo de José Roberto Pellini, intitulado “Rituais: afetos, sentidos e memórias. Uma proposta”, que parte de uma experiência sensorial pessoal para discutir como rituais operam a partir de uma relação corporal, na qual o estímulo de sentidos criam e sedimentam memórias, sobretudo quando ocorrem de forma não usual, aumentando a eficácia e a intensidade dos processos mnemônicos e possibilitando assim a criação e reprodução de discursos e narrativas específicas.

Completando a temática das práticas rituais, este número conta ainda com a resenha do livro “Quimeras em Diálogo” elaborada por Emerson Nobre, além do resumo de pesquisa de doutorado de autoria de Carlos A. S. Costa, dois resumos de mestrado de autoria de Débora Leonel Soares e Maurício Schneider.

As pesquisas aqui apresentadas são exemplos das diversas perspectivas sendo gestadas no país para lidar com uma temática fundamental para a compreensão das sociedades humanas. Agradecemos a todos os participantes do simpósio que colaboraram com a edição desta revista e esperamos que a leitura incite novas abordagens e discussões e contribua para a ampliação da literatura brasileira acerca de práticas rituais.

Referência

SWENSON, Edward. *The archaeology of ritual*. Annual Review of Anthropology, 44, p. 329-345, 2015.

Cristiana Barreto (editora convidada)

Programa de Capacitação Institucional

Museu Paraense Emílio Goeldi

Daniela Klokler (editora convidada)

Programa de Pós-graduação em Arqueologia

Universidade Federal de Sergipe

Sibeli A.Viana

Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Marlene C. Ossami Moura

Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Editoras